



SENTIDOS DO TRABALHO PARA MULHERES EM CONTEXTOS URBANO E RURAL

Laila Priscila Graf¹
Maria Fernanda Diogo²
Maria Chalfin Coutinho³

Ainda hoje as mulheres permanecem em desigualdade perante aos homens em termos de inserção no mercado de trabalho. Esta realidade se preserva mesmo com amplas conquistas efetuadas pelas mulheres no decorrer do século XX. Pesquisas no campo dos estudos de gênero com enfoque nas relações de trabalho indicam que a maior parte das mulheres efetua atividades voltadas aos setores educativos, de saúde, de cuidados, de limpeza e conservação; os homens, por outro lado, espalham-se por todos os setores ocupacionais e estão, com maior frequência, em posições gerenciais e naquelas atreladas aos conhecimentos tecnológicos (Hirata & Kergoat, 2007). A despeito dos avanços e conquistas das mulheres em alguns setores, Bruschini et al. (2006) indicaram que a posição feminina no mercado tem sido caracterizada pela precariedade. Abramo (2004) sinaliza a existência de concentração de mulheres em atividades consideradas ‘guetos’ de trabalho, cujas principais características seriam a depreciação da atividade no âmbito social e diminuição da contrapartida financeira recebida.

A desigualdade salarial em relação aos homens configura-se como uma importante característica das atividades exercidas por mulheres. Esta pode ser considerada fruto de uma concepção construída social e historicamente de desvalorização das mulheres dentro do sistema econômico capitalista, tendo como resultado, acrescido a outros aspectos sociais e culturais, que muitas atividades exercidas pelas mulheres são ainda consideradas de menor qualidade, inferiores e portadoras de menores remunerações. De acordo com pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2007), a desigualdade não apenas acontece com as mulheres no trabalho operário, mas nas mais diferentes profissões e em todos os níveis de escolaridade. Antunes (2005) também menciona que, apesar das mulheres terem adentrado maciçamente no mercado de trabalho desde a década de 1970, permanecem fortes desigualdades, sendo o trabalho feminino caracterizado por piores condições e salários mais baixos que o trabalho masculino. Deste modo, é

¹ Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). lailagraf@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. mafediogo@bol.com.br.

³ Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, bolsista produtividade pelo CNPq – chalfin@mbox1.ufsc.br.



possível observar uma distância entre os trabalhos exercidos por homens e mulheres a partir de concepções históricas entrelaçadas e enraizadas nas práticas sociais.

Mesmo com a inserção de políticas públicas de combate a desigualdade salarial entre os gêneros, tanto no Brasil como em outros países, estas não são suficientemente eficazes a ponto de alterar essa realidade. Para Kon (2001), os documentos oficiais brasileiros introduziram princípios de igualdade entre os gêneros, porém estes não foram acompanhados por instrumentos efetivos de aplicação e de controle, ou seja, continuam a ter pouco efeito na prática. Trata-se de uma problemática observada internacionalmente. Como exemplo, podemos citar o contexto britânico, no qual há mais de meio século houve o reconhecimento dos direitos de igualdade de remuneração entre homens e mulheres⁴, contudo a realidade das trabalhadoras no Reino Unido ainda permanece distante dos parâmetros de igualdade indicados (German, 2007).

Outro aspecto a ser observado nas discussões sobre o trabalho feminino é a desigualdade entre a divisão do trabalho na esfera doméstica. De acordo com Bruschini (2006), há muita dificuldade em visibilizar o trabalho efetuado neste âmbito. O trabalho doméstico é invisível, desvalorizado, exercido por mulheres com auxílio de outras mulheres (filhas) na condição de aprendizes, reproduzindo lugares socialmente ocupados pelo masculino e pelo feminino (Diogo & Maheirie, 2008). Bruschini (2006) e Hirata (2002) salientam que as atividades femininas se desenvolvem em *continuum*, de modo que não existe interrupção entre os trabalhos produtivos e os reprodutivos.

Levantamos até aqui alguns pontos pertinentes à especificidade do trabalho feminino, nos interessa compreender os processos de significação constituídos neste contexto. Assim, faz-se necessário assinalar a perspectiva do conceito de sentidos usado nessa investigação. Sentidos são formados a partir dos discursos dos sujeitos, em relação às suas atividades e suas vidas, numa leitura feita a partir do construcionismo social. Essa perspectiva compreende-os como construções sociais, processo coletivo e interativo no qual as pessoas constroem termos e conceitos para lidarem e entenderem os fenômenos (Spink & Medrado, 2004).

As pessoas atribuem sentidos sobre suas vivências. As desigualdades de gênero estão articuladas ao contexto social. Muitas mulheres não compreendem estas desigualdades em suas vidas, pois elas se sobrepõem às histórias de vida como práticas naturalizadas. Para visibilizá-las e entendê-las faz-se necessário (re)conhecer essas histórias numa perspectiva histórica e social.

⁴ O reconhecimento ocorreu após a assinatura do tratado de Roma em 1956, chamado de “equal pay for work of equal value” (German, 2007, p. 91).



Partindo-se destas compreensões se investiga neste artigo as vivências de trabalho de dois grupos de mulheres: um grupo de trabalhadoras do âmbito urbano e outro do âmbito rural. Norteamo-nos a partir da seguinte pergunta: quais as similaridades e diversidades entre mulheres urbanas e rurais em relação as suas trajetórias de trabalho?

O método de pesquisa empregado foi a comparação de dois estudos de casos. Foi elaborada uma análise sobre os resultados de duas pesquisas anteriormente concluídas pelas autoras: Diogo (2005) e Graf (2009). Como o material foi previamente coletado e analisado, esse estudo se caracterizou por ser *secondary analysis* (Sarantakos, 2005). Diogo (2005) estudou o contexto urbano do trabalho de seis mulheres que exerciam as funções de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços na Grande Florianópolis, Santa Catarina. Graf (2009) investigou, no interior do mesmo estado, o trabalho de oito mulheres em uma indústria de abate avícola.

A seguir, alinhavamos as duas pesquisas em relação às categorias: *inserção na atividade profissional, cotidianos de trabalho e perspectivas profissionais*. Esta categorização buscou a historicidade das vivências destas mulheres, abarcando passado, presente e futuro. Apesar dos contextos da limpeza e conservação de um estabelecimento educacional urbano e o trabalho em um abatedouro avícola rural serem muito diferentes, nosso objetivo foi buscar aproximações e distanciamentos entre mulheres pertencentes a categorias profissionais pouco reconhecidas, que realizavam trabalhos repetitivos e cansativos, de baixa qualificação e remuneração, acrescidos do exercício da atividade doméstica não remunerada.

Inserção profissional na atividade

Entre os resultados obtidos com as mulheres do contexto urbano, *necessidade* e a *baixa escolaridade* foram as principais motivações narradas para ingressar na área de limpeza e conservação. De diversas maneiras elas narraram que começaram a trabalhar como serventes de limpeza porque necessitavam de uma atividade remunerada para o sustento familiar e a baixa escolaridade limitou suas possibilidades de escolhas. Elas associaram esta atividade como socialmente desprestigiada e desqualificada, assim muitas das entrevistadas vincularam o ingresso na profissão ao sentimento de *vergonha* e *humilhação*.

Por meio do material coletado com as mulheres do contexto rural, foi possível compreender que a inserção na atividade no abatedouro avícola foi decorrente de laços familiares ou de amizade entre as trabalhadoras e os proprietários do estabelecimento. Em comum ao grupo anterior, elas também tinham baixa escolaridade e qualificação profissional, contudo a inserção na atividade foi



considerada uma *oportunidade*, em vista à dificuldade de empregos na região. As atividades remuneradas anteriores foram caracterizadas pelo trabalho informal ou com pouca regulamentação, como serviços de limpeza, cuidar de crianças, serviços domésticos e atividades rurais. A falta de transporte público na região também foi considerada fator dificultador ao acesso a outros tipos de empregos, de modo que o abatedouro na área de suas residências se tornou uma das poucas possibilidades de trabalho remunerado.

Entrelaçando as duas pesquisas, observamos poucas alternativas de emprego oferecidas às mulheres com baixa qualificação e escolaridade, tanto no âmbito urbano quanto rural. A maior parcela dos trabalhos femininos ocorre de forma segmentada e em posições subalternas e mal remuneradas, independente da escolaridade (Barros, Corseuil, Santos & Firpo, 2001). Aquelas que pertencem às camadas populares, frequentemente com menor escolaridade e qualificação profissional, têm as piores taxas de participação no mercado de trabalho, reforçando uma permanente desigualdade entre os gêneros (Coutinho, Diogo & Monteiro, 2007). Salientamos ainda que no contexto rural as mulheres das camadas populares acessam menores níveis de escolaridade do que as urbanas, pois os moradores rurais geralmente são precocemente excluídos das escolas, até mesmo no primeiro ano do ensino fundamental (Ney, 2006).

Cotidianos de trabalho

Dentre os sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação, destaca-se o *costume*, observado nas narrativas de que este é um trabalho fácil e muito semelhante ao serviço doméstico – serviço este bem conhecido destas mulheres através de anos de treinamento informal. As tarefas que compõem este trabalho não trazem perspectiva de aprendizado, crescimento profissional, nem permitem desenvolver amplo leque de habilidades. Quanto ao trabalho no abatedouro, um importante aspecto foi a necessidade de as trabalhadoras atuarem com agilidade, rapidez e sempre no mesmo posto. Essa *modus operandi* está fundamentado em modelos de gestão da força de trabalho do taylorismo/fordismo, já relatados por Heloani (2003); Antunes (2003); Navarro e Padilha (2007), no qual as relações de trabalho envolvem elevado controle e forte hierarquia.

As entrevistadas urbanas não se sentiam profissionalmente valorizadas, enfatizando a dificuldade de reconhecimento (Dejours, 1999) do trabalho pelos clientes. A limpeza é invisível, o que tem evidência material é a sujeira. O reconhecimento deste tipo de trabalho se dá pela falta ou pelo mal feito, levando-as a se tornarem presentes na ineficiência de seu fazer. A teceirização demonstrou ser uma vivência excludente (o terceirizado não recebe o mesmo salário nem os



mesmos benefícios dos funcionários do cliente) e depreciativa (elas narraram ações e palavras humilhantes por parte dos clientes e sentimentos de inferioridade vinculados ao exercício funcional). A invisibilidade pública (Costa, 2002) e desvalorização funcional (Diogo, 2007) causam sofrimento, dor, indignação. “O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais” (Sawaia, 2001, p. 102). É o indivíduo quem sofre, porém a gênese deste sofrimento está na intersubjetividade e na mediação social.

As entrevistadas dos âmbitos urbano e rural enfatizaram a importância da remuneração para o sustento familiar. A ênfase na remuneração, destacada pelas trabalhadoras, decorre de não trabalharem para si, mas para o sustento do coletivo familiar (Sarti, 1996). Apesar do destaque generalizado à remuneração, observamos alguns entendimentos diferenciados. A maioria das entrevistadas considerou seus salários baixos, porém estes eram elementos centrais no sustento familiar. Ter um emprego fixo, de “carteira assinada” foi elemento de grande importância, pois lhes permitia segurança e planejamentos financeiros. Contudo as atuantes na limpeza e conservação consideraram o baixo salário como uma *forma de desvalorização* e sobrecarga de trabalho (muitas faziam ‘bicos’ para completar o salário), enquanto as entrevistadas do abatedouro narraram a remuneração como *positiva*, possibilitadora de aquisição de pequenos objetos e ampliação do auxílio familiar. Não houve neste grupo relato de outros trabalhos exercidos para complementação de renda.

A teoria do valor-trabalho permite afirmar que na medida em que este é fruto das relações sociais (Marx, 1867/1998), atividades pouco qualificadas e socialmente desvalorizadas recebem menores remunerações, independente do tempo de trabalho social investido na atividade e da importância deste para a sociedade. No setor de limpeza e conservação e para trabalhos que exigem pouca qualificação e escolaridade, como nos abatedouros avícolas, há abundante oferta de mão-de-obra. Esta teia de fatores deprecia o valor do trabalho de ambas as categorias profissionais, tornando-os mal remunerados.

Todas as entrevistadas do grupo urbano e do grupo rural acumulavam os serviços domésticos. Elas eram as principais encarregadas pelo serviço das suas casas, em alguns casos havia coadjuvantes, principalmente filhas, mas, em última análise, cabia a elas dirigir, decidir, limpar, lavar, cozinhar e gerenciar todos os fatores que afetavam o bom andamento da vida familiar. As mulheres pertencentes às camadas populares são as que mais vivenciam os serviços domésticos e muitas vezes têm sua inserção no mercado de trabalho limitada em função desta atividade não-remunerada, pois não podem delegar os afazeres da casa e o cuidado dos filhos (DIOGO,



MAHEIRIE, 2008). Observou-se nas narrativas a subordinação da reprodução à produção e, conseqüentemente, a subordinação do feminino ao masculino, reproduzindo geracionalmente lugares socialmente engendrados. Estas mulheres geralmente atuam em um *continuum* (HIRATA, 2001), passando sem descanso das atividades produtivas às reprodutivas.

Perspectivas profissionais

Em relação ao trabalho de limpeza e conservação, a falta de apreço social acrescida da baixa remuneração e carência de perspectivas profissionais trouxe poucos atrativos à profissão. A mudança de emprego foi um desejo manifesto em vários discursos. Foi possível visualizar dois caminhos distintos: um vinculado ao anseio de uma profissão mais valorizada financeira e socialmente, buscando por meio do discurso almejar outra realidade; outro pela resignação à situação atual pautada no sentimento de impossibilidade de realização dos projetos sonhados ou mesmo pela incapacidade de sonhá-los (SPINK, MEDRADO, 2004).

Quanto às trabalhadoras do abatedouro, foi possível identificar três grupos de projeções profissionais: a aposentadoria por meio da própria empresa; continuidade em um emprego, mas em outro setor produtivo; e a permanência na ocupação atual. Salvitti, Viégas, Mortada e Tavares (1999) salientaram que o futuro se torna circunstancial para pessoas com trajetórias de recorrentes processos de exclusão, ou melhor, derivado das situações concretas de suas vidas e sem maiores planejamentos. Chegar à aposentadoria foi relatado como um modo continuar com rendimentos, contudo muitas narraram dificuldades em relação às desgastantes rotinas de trabalho advindas com a industrialização e expansão da empresa. Nos discursos, foi recorrente a menção a ‘não aguentar’ a pressão e temerem a não concretização dos seus projetos de aposentadoria. Quanto às trabalhadoras com projetos mudar de empresa, o discurso relacionado à mudança tinha o propósito de facilitar conciliação da atividade industrial com as atividades domésticas.

Considerações finais

As diferentes realidades vividas e as semelhanças nas formas de objetivação das entrevistadas dos dois grupos chamou-nos a atenção, levando-nos a tecer similaridades e diversidades entre as trabalhadoras urbanas e rurais em relação às suas trajetórias de trabalho. Quanto às similaridades, o atual emprego foi fruto de restritas possibilidades de escolha: elas entraram nestas atividades porque necessitavam de remuneração e por não contarem com um nível escolar que lhes possibilitassem o exercício de outras atividades. O cotidiano destes trabalhos é



caracterizado por atividades com pouca qualificação, repetitivas, impeditivas de desenvolvimento profissional ou aprendizado. Embora insuficiente, a remuneração advinda de um emprego assegurado pela legislação trabalhista foi um aspecto ressaltado como necessário e importante nessas relações de trabalho. No entanto, as mulheres urbanas narraram realizar outras atividades para complementar a renda em virtudes das escalas de trabalho e das demandas próprias de um grande centro urbano, as mulheres rurais entrevistadas contavam somente com a remuneração da indústria. Todas as entrevistadas acumulavam os serviços domésticos, auxiliadas pelas filhas mulheres. No tocante à perspectiva de futuro, o serviço de limpeza e conservação foi considerado pelas entrevistadas um trabalho muito cansativo e pouco reconhecido, desta forma elas almejavam mudar de função para outra considerada “melhor” (mais “leve”, melhor remunerada). Já as mulheres rurais vivenciavam uma outra realidade, tais como dificuldades de transporte coletivo e redes de parentesco ou amizade relacionadas, fortificando os laços com a empresa contratante. O desejo de trocar de emprego não foi tão manifesto neste grupo, mas sim a aposentadoria, que se configuraria na saída do mercado de trabalho e manutenção da renda.

Assinalamos que mais estudos sobre a relação de trabalho entre mulheres urbanas e rurais necessitam ser realizados, especialmente quanto aos sentidos do trabalho, na perspectiva de iluminar essa realidade.

Bibliografia

- ABRAMO, L. *¿América Latina: una fuerza de trabajo secundaria?* Revista de Estudos Feministas Florianópolis - SC, 12(2), 2004. p. 224-235.
- ANTUNES, R. *O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BARROS, R. P. DE; CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D. DOS & FIRPO, S. P. Inserção no mercado de trabalho: diferenças por sexo e conseqüências sobre o bem-estar. In: *Texto para discussão no 796*. IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2001. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em 26.07.2008.
- BRUSCHINI, C. *Trabalho doméstico: Inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?* Revista brasileira de Estudos Populacionais, v.23, n.2, jul./dez., São Paulo, 2006. p. 331-353.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI M. R. & UNBEHAUM, S. (2006). Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: *O progresso das mulheres no Brasil*. (pp. 60-93). Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher/UNIFEM. Disponível em: <<http://www.mulheresnobre.org.br/>>. Acesso em 12.fev.2007.
- COSTA, F. B. da. (2002). *Garis: um estudo de psicologia sobre a invisibilidade pública*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.



- COUTINHO, M. C. DIOGO, M. F. E MONTEIRO, R. (2007). O desemprego feminino face ao mercado de trabalho brasileiro: uma comparação entre o cenário nacional e o da região metropolitana de Florianópolis. In: Vilela, E. C. & Raitz, T. R. (Orgs.). *Educação e Trabalho: itinerários de pesquisa*. (PP.13-32).Itajaí - SC: Universidade do Vale do Itajaí.
- DEJOURS, C. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. (A. C. F. Reis, Trad.). São Paulo: Fundap; EAESP/FGV, 1999.
- DIOGO, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: os sentidos do trabalho para mulheres que exercem serviços de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DIOGO, M. F., MAHEIRIE, K. *Os sentidos atribuídos ao trabalho doméstico para serventes de limpeza*. Em Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. 11 (2), 2008, pp. 257-272. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>>. acesso em 30.03.2009.
- DIOGO, M. F. *Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 3, set./dez. 2007. p. 483-492.
- GERMAN, L. *Material girls: women, man and work*. London: Bookmarks Publication, 2007.
- GRAF, L. P. *Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola*. Florianópolis, 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- HELOANI, R. *Gestão e organização no capitalismo globalizado: História da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2003.
- HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo – SP: Boitempo, 2002.
- HIRATA, H. & KERGOAT, D. (2007). *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. p. 595-609.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. Pesquisa Mensal de Emprego. *Suplemento Mulher: algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho em Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre 2003-2008*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008. Recuperado em 28 de setembro, 2008, de <http://www.ibge.gov.br>
- KON, A. *Trabalho e gênero no Brasil: as políticas públicas propostas*. Em Anais do 7º Encontro Nacional de Estudos do Trabalho. Salvador/BA, 2001. 1 CD-ROM.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1. 16a edição. (R Sant'Anna, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998 (Trabalho original publicado em 1867).
- NEY, M. G. *Educação e desigualdade de renda no meio rural brasileiro*. Tese Doutorado, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2006.
- SALVITTI, A., VIEGAS, L. DE S., MORTADA, S. P., & TAVARES, D. S. (1999). *O trabalho do camelô: trajetória profissional e cotidiano*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 2, 1999. (pp. 1-23). Recuperado em 21 de julho, 2008, da SciELO (Scientific Electronic Library Online): www.scielo.br
- SARANTAKOS, S. (2005). *Social Research*. Third edition. New York: Palgrave Macmillan.



SARTI, C. A. *A família como espelho: estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas/SP: Autores Associados, 1996.

SAWAIA, B. B. *Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade*. Em *Revista Psykhe*, 1 (8), 1999, p. 19-25.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Em SAWAIA, B. B. (org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (pp. 97-118). 2ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SPINK, M. J. P., & MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. (3ª d.). São Paulo: Cortez, 2004.